direção do tratamento



Que escolha é essa?

Ângela Diniz Costa

introdução

Desde seu surgimento, a psicanálise tem confrontado com a questão da escolha que cada sujeito faz no campo da sexualidade. É uma constatação clínica o fato de que algumas vezes os seres humanos assumem posições masculinas ou femininas inteiramente desvinculadas de seus traços anatômicos. Podemos, então, nos interrogarmos: o que define um homem e uma mulher? O que determina a opção por uma posição masculina ou feminina, segundo a abordagem psicanalítica?

Freud responde a essa questão tendo como referência para sua explicação o complexo de Édipo. No caso do menino, o complexo de Édipo consiste na identificação com o pai. Para a menina, há três saídas em face da castração: a primeira é a renúncia a toda atividade sexual; a segunda, a entrada no complexo de masculinidade, mantendo-se na esperança ou na recusa da vontade de ter um pênis, como o menino; a terceira, considerada por Freud como a feminina, leva a menina a se voltar para o pai, na esperança de receber dele um filho, símbolo do que a mãe não pôde lhe dar.[1]

[1] Freud. Sexualidade feminina (1931, p.264).

A resposta de Lacan, na primeira parte de seu ensino, vai ao encontro da resposta freudiana, ao estabelecer que a "assunção" do sexo se processa em articulação com a identificação, ou seja, com o Édipo.

> [...] há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes às coisas, aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assuma um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo.[2]

[2] Lacan. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958, p. 171).

Até esse momento, delineia-se que o pertencimento sexual está articulado à identificação. A teoria analítica, todavia, estabelece que as identificações não recobrem o que é ser ho-

mem ou mulher, uma vez que, para a psicanálise, o núcleo do ser é um vazio, uma "falta-a-ser". O "referente à identificação é uma identificação significante"[3]. Esta identificação simbólica – I(A) – do sujeito é definida por Lacan como "o sujeito está representado por um significante para um outro significante"[4]. Assim, a identificação toca a relação do sujeito com as marcas significantes, designando os atributos do ser, e não o próprio ser.

A identificação, portanto, não é suficiente para tratar da sexuação[5] e da escolha do sexo, já que a escolha do lado masculino ou feminino tem a ver com o pulsional, com as modalidades de gozo para além do princípio do prazer. No humano, o sexual está marcado pelo campo do gozo.

> A pulsão, como representante da sexualidade no inconsciente, é parcial. É nisso que está a carência essencial, isto é, aquilo que pudesse representar no sujeito o modo, em seu ser, do que nele é macho ou fêmea.[6]

É nesse encontro com o pulsional que o sujeito se depara com a falta de resposta no Outro. No lugar da resposta, existe um "não há" que remete à discordância com a origem, fazendo surgir o "não há relação sexual". E, nessa perspectiva, cada sujeito deve sustentar-se em relação a esse "não há" ante o "não-todo" do sexo.

No *Seminário: ...ou pior*, Lacan faz uma afirmação que é de fundamental importância para verificarmos a tese de que a identificação e a questão da escolha pertencem a campos distintos da sexuação. Os indivíduos "não se reconhecem como seres falantes, a não ser rejeitando esta distinção por todo tipo de identificação"[7]. A sexuação pode, assim, ser estabelecida: a diferença anatômica dos sexos assume seu valor quando essa diferença é significada nas categorias fálicas, ou seja, o sujeito é sexuado em relação ao falo. Essa distinção, baseada na categoria fálica, toma como referência o Outro.

"Não são os sujeitos que se distinguem [...] é que se os distingue"[8]. O sujeito é sexualizado como significante, sugerindo que ser homem ou ser mulher quer dizer alguma coisa, mesmo que ainda não se saiba o que isso quer dizer.

A inscrição dessa diferença, segundo o significante fálico, não é suficiente para determinar um pertencimento sexual, pois, para a psicanálise, a sexuação também depende da relação entre o sujeito e o significante fálico, bem como da aceitação ou não, pelo sujeito, dessa categorização fálica. É essa aceitação ou não que leva o sujeito a realizar a escolha do sexo, uma vez que essa opção requer uma implicação subjetiva.

[3] Lacan. O *Seminário – livro 9: A identificação* (1961-1962) (Inédito, aula de 22 de março de 1962).

[4] *Ibid.*, aula de 6 de dezembro de 1961).

[5] Termo proposto por Lacan para se referir à sua formalização das posições sexuais masculinas e femininas, cujas fórmulas se encontram em *O Seminário – livro 20: Mais ainda* (1972-1973, p. 125).

[6] Lacan. Posição do inconsciente (1960, p. 863).

[7] Lacan. O *seminário – livro 19: ...Ou pior* (1971-1972) (Inédito, aula de 8 de dezembro de 1971).

[8] *Ibid.*

Paula demanda uma análise, queixando-se do seu sintoma de obesidade, que, a princípio, relaciona ao fato de querer se apresentar feia para os homens, a fim de evitar a incidência do desejo masculino. Algum tempo depois, relata que essa obesidade foi o que lhe restou de um tratamento médico e psicológico a que se submeteu a fim de se preparar para uma cirurgia de mudança de sexo.

Ao tecer sua história, busca as marcas traçadas pelo Outro, nas quais estava "alienada" e lhe evidenciavam que as determinações do Outro – ser um homem – não lhe deixavam escolha. Nesses termos, a cirurgia seria o cumprimento de seu destino.

Perto da cirurgia para a mudança de sexo, todavia, é impelida por um sonho no qual se vê morta a recorrer à psicanálise. O sonho antecipava uma questão que lhe era obscura: persistir naquela maneira de lidar com o que lhe havia sido determinado lhe parecia mortífero, mas por que não podia lhe fazer escapar desse destino pactuado com o Outro?

Paula atribui seu ódio pelos homens à marca deixada por seu pai, que maltratava muito sua mãe e lhe impunha uma vida sexual muito ativa, em busca de "fazer um herdeiro". É a caçula de oito filhas, e seu nascimento foi a última tentativa de "fazer o herdeiro varão".

Havia entre ela e a mãe uma relação de estreita cumplicidade. Sua mãe a tratava e vestia como um menino, mas, ao mesmo tempo, confiava-lhe sua preocupação por ela ser tão diferente das outras meninas, propondo-lhe tratamentos médicos e psicológicos, pois, em sua opinião, Paula "precisava ser mais feminina". Assim, quando sentia atração por alguma menina, ou quando agredia os meninos em suas brincadeiras, recorria à mãe, pedindo-lhe que buscasse um tratamento. Recebia sempre a mesma resposta, a de que cuidariam disso depois. "Era um jogo entre nós duas", diz Paula, levando-a a deduzir que é da exigência paterna por um herdeiro e do sofrimento e submissão de sua mãe a essa exigência insuportável que resultara a estreita vinculação e cumplicidade estabelecida entre elas.

Recorda ter sido flagrada pela mãe ao beijar um amigo. A mãe interdita o ato – "Isto não se faz" – e a denuncia ao pai, que a castiga, batendo nela e deixando-a por muitas horas sentada em um banco de jardim. Durante o tempo em que permaneceu de castigo, apanhava formigas pelo chão e as deixava nas

mãos para que a mordessem: "Fiquei machucada, sangrando". A partir daí, estabelece que não deveria se ligar aos homens, ocultando, por trás dos maus-tratos paternos, a denúncia, a voz injuriada de sua mãe, sua falta.

Quando menstruou pela primeira vez, teve um "ataque de cólera" e agrediu fisicamente a mãe, dizendo-lhe, aos berros: "Sou homossexual e quero ser um homem". Surpreendeu-se com a resposta materna: "Prefiro te ver morta que homossexual", e recorda da dor e do ódio sentidos naquele momento, uma vez que a cumplicidade do jogo entre elas se quebrara.

Paula associa esse "duro diálogo" à morte de sua mãe, que sobrevém alguns dias depois desse episódio. Na noite do velório de sua mãe, Paula tem sua primeira relação homossexual e, nesse momento, ocorre-lhe o seguinte pensamento: "De onde ela estiver, ela verá".

A partir desse momento da análise, pode-se depreender que, graças à resposta do Outro, esse sujeito acaba por descobrir que há no sexual algo que não pôde ser apreendido. O sujeito responde no real ao sexual: coloca sua mão no formigueiro. Algo não simbolizado é presentificado pelas formigas que o sujeito usa para agredir o próprio corpo.

Essas lembranças trazem à Paula muitas crises de angústia e o desejo de interromper o tratamento por se dar conta da culpa que tem em relação à morte de sua mãe. Essas crises de angústia também lhe ocorrem em face de situações que nomeia como sendo de "baixaria", entre as quais a de assumir a posição de homem em lugares públicos, "cantando" uma mulher. São situações que a fazem recorrer a atendimentos de urgência em hospitais. "Parece que estou enfartando", diz.

Esse, portanto, é um momento crucial da análise, pois, pela primeira vez, o sujeito questiona sua maneira de bancar o homem e sua identificação com traços masculinos e paternos. Formula a seguinte frase: "Sou uma boneca deformada que minha mãe deu para meu pai babaca", que lhe permite interrogar se o preço que tem pago em sua vida para cumprir essa posição masculina é válido. "Por que, para ser homossexual, tenho que me fazer homem?"

Ao se fazer de apêndice da mãe, Paula interpreta o segredo materno que, ao desqualificar o falo paterno, destituiu-o da condição de representante simbólico de um dom destinado à permanência irreal da transmissão de pai para filho, transformando-o em um utensílio real, do qual uma mulher poderia se servir para dar expressão, ela mesma, à potência de vida e morte que possuía em si.

Quando chega a essa conclusão na análise e desvela a redução do falo a um utensílio real, percebe que sua identificação sexual, longe de repousar sobre sinais indubitáveis, é função da fantasia de ser o menino que faltava ao pai, fazendo-se "a boneca que se deforma". Insistir nisso é loucura, é morte. Para ser homossexual, pode "ser a partir do" que não tem.

A desmontagem dessa fantasia tipicamente masculina mostra que essas estratégias do sujeito se sustentam porque falo e órgão permanecem fundamentalmente distintos, deixando aberta uma via de acesso à dialética do dom fálico. A princípio, esse sujeito demonstra querer ser reconhecido como possuidor do falo, em uma rivalidade com o homem que o faz pagar o preço da "pequena diferença" e tentar passar enganosamente ao real por intermédio do órgão protético. No percurso do tratamento, revela-se a esse sujeito que o órgão é somente um instrumento, uma vez que é "por intermédio do significante que todo instrumento se funda"[9]. A noção de órgão de que dispomos, na condição de seres falantes, depende da inscrição do falo como faltante.

[9] *Ibid.*

Outro momento importante desse percurso analítico é marcado por um sonho em que Paula é mordida por um escorpião. Ao tentar tirar as garras que se haviam incrustado em sua mão, elas se multiplicam; quanto mais tenta arrancá-las, mais escorpiões nascem. O sujeito acorda em pânico e com nojo, e passa a querer arrancar o que o envenena: o sexual. Situa a pergunta a partir de seu próprio ponto de vista, buscando encontrar e dar algum sentido a essas maneiras mortíferas com que vem tentando, repetidamente, lidar com sua maneira de bancar o homem.

Paula pede uma sessão extra, pois tivera um outro sonho que lhe criara um enigma: ao receber a notícia da morte de sua mãe, retorna para casa e se surpreende ao ver a mãe abrir os olhos e, sorrindo, dar-lhe uma piscadela, sorrindo. Fala às irmãs que estavam ao redor da cama: "Ela está viva, me sorriu", e associa o sonho à frase ouvida de sua mãe: "Prefiro te ver morta que homossexual".

São esses sonhos que inauguram na análise um tempo marcado pela elaboração de um saber sobre sua posição subjetiva, condensada na expressão "uma homossexual morta". Ao longo de seu percurso de análise, podemos verificar que suas estratégias para evitar a castração são afetadas por um saber que se constrói pouco a pouco e lhe possibilita, a partir de um texto já escrito, escrever outro texto em que a maneira de lidar com sua homossexualidade se deve ao medo de descumprir as

determinações do Outro que "lhe evidenciavam se fazer um homem".

Ao deixar cair essa maneira mortífera de gozar, pode interrogar como sustentar sua escolha de gozo sem que a homossexualidade se vincule à "deformação" de seu corpo.

O trajeto realizado desde a demanda de análise até o momento atual introduz uma distância entre o sujeito que atribui às determinações do Outro a responsabilidade por sua escolha e o sujeito responsável por suas determinações, mostrando que a psicanálise traz para Paula a possibilidade de uma nova maneira de escolha diante do que lhe produzia horror. Em outras palavras, o discurso analítico, por meio do saber que é produzido sobre o inconsciente, presentifica um efeito na posição do sujeito relativa a seu desejo.



referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1927-1931) Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XXI.

LACAN, Jacques. O *Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. (1960) A posição do inconsciente. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 9: A identificação.* (1961-1962). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 19: ... Ou pior.* (1971-1972). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

resumo

O texto aborda a questão da escolha sexual à luz do histórico clínico de uma homossexual feminina, no qual se destaca o inicio do tratamento em que se evidencia a identificação desse sujeito com as determinações significantes do Outro. Mostra-se como a psicanálise permitiu que esse sujeito consentisse em pôr em questão o embaraço em relação à sua maneira de lidar com a homossexualidade.

abstract

This paper focuses on the subject of sexual choices; it was based on a fragment of the clinical history of a female homosexual, and emphasizes the early stages of the treatment, when the subject's identification with the meaningful determinations of the Other become evident; it also evidences how Psychoanalysis allowed this subject to question her embarrassment vis-à-vis her handling of her own homosexuality.

palavras-chave

escolha sexual; homossexualidade feminina; clínica.

key words

sexual choice; female homosexuality; clinic.

recebido

15/09/2005

aprovado

30/09/2005